



MÉTODOS E TÉCNICAS NAS AULAS DE LE (INGLÊS): O DESAFIO DAS ESCOLHAS METODOLÓGICAS NA SALA DE AULA

Thalita Cristina Pereira Couto (UFMA)¹

Francimária Castro da Silva (UFMA)²

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho (UFMA)³

nicomedes@gmail.com

RESUMO: O ensino e a aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglesa) têm apresentado vários entraves no setor educacional, os fatores que ocasionam este insucesso são diversos, como a pouca importância dada pelos alunos à disciplina, classes superlotadas, carga horária reduzida, aspectos relacionados à formação do professor e ainda a escolha de métodos e técnicas adotados pelos professores. Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo discutir os avanços e retrocessos do ensino de LE inglesa no Brasil, da implantação dos primeiros cursos até os nossos dias, apresentar um panorama histórico dos métodos, técnicas e abordagens utilizadas do início até a era do pós-método, compreender o efeito desses métodos na sala de aula e identificar as concepções de língua e de aprendizagem que cada método adota. Para isso apoiamos-nos nas concepções teóricas apontadas pelo PCN (1998), Oliveira (2010), Freeman (1986), Leffa (2007), Richards, Rodgers (2001), dentre outros que norteiam a temática deste trabalho. O tipo de pesquisa utilizado é de caráter exploratório e a metodologia inclui um levantamento bibliográfico da literatura específica. Como possível resultado da pesquisa empreendida, pode-se inferir que os professores da área detêm pouco conhecimento teórico, com isso priorizam em suas aulas aspectos estruturais da língua e não garantem o desenvolvimento da competência comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Língua Inglesa. Métodos e Técnicas.

ABSTRACT: The teaching and learning of Foreign Language (English) have presented several obstacles in the educational sector, the factors that cause this failure are diverse, such as the little importance given by the students to the discipline, overcrowded classes, reduced hours, aspects related to and the choice of methods and techniques adopted by teachers. In this perspective, the objective of this work is to discuss the advances and setbacks of English LE teaching in Brazil, from the introduction of the first courses to the present day, to present a historical overview of the methods, techniques and approaches used from the beginning to the post-Method, to understand the effect of these methods in the classroom and to identify the language and learning conceptions that each method adopts. For this, we support the theoretical conceptions pointed out by the PCN (1998), Oliveira (2010), Freeman (1986), Leffa (2007), Richards, Rodgers (2001), among others that guide the theme of this work. The type of research used is exploratory and the methodology includes a literature review of the specific literature. As a possible result of the research undertaken, it can be inferred that the teachers of the area have little theoretical knowledge, so

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão UFMA, Campus São Bernardo, Bolsista do PIBID

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Maranhão UFMA, Campus São Bernardo, Bolsista do PIBID

³ Doutorando em Letras - Linguagem e Sociedade pelo PPGL - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Mestre em Educação pelo PPGE da UCB, pesquisador do NUPESDD - Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS, CEPAD - O Centro de Pesquisa em Análise do Discurso da mesma Universidade e do Grupo de Linguagens, Cultura e Identidades - GPLiCI da UFMA nicomedes@gmail.com



they prioritize in their classes structural aspects of the language and do not guarantee the development of communicative competence.

KEYWORDS: Teaching. English language. Methods and Techniques.

INTRODUÇÃO:

A língua Inglesa é a mais utilizada como instrumento de comunicação entre o Brasil e grande parte do mundo, é tida como a língua dos negócios e dessa afirmação logo se confirma a importância e necessidade em aprendê-la. O ensino de inglês está presente no Brasil desde o século XIX e desde então vem passando por alguns avanços e retrocessos.

Partindo desta perspectiva, este trabalho tem por objetivo discutir sobre o ensino de LE (Inglesa) no Brasil, desde a implantação dos primeiros cursos até os nossos dias, apresentar um panorama histórico dos métodos, técnicas e abordagens utilizadas do início até a era do pós-método, compreender o efeito desses métodos na sala de aula e identificar as concepções de língua e de aprendizagem que cada método adota.

Para isso, apoiamos nas concepções teóricas apontadas pelo PCN (1998) Oliveira (2010) Freeman (1986), Leffa (2007), Richards, Rodgers (2001) dentre outros que norteiam a temática deste trabalho. O tipo de pesquisa utilizado neste trabalho é de caráter exploratório e a metodologia inclui um levantamento bibliográfico da literatura específica.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: inicialmente faremos uma breve contextualização do ensino de Inglês no Brasil desde o seu surgimento até os dias atuais, reconhecendo ser necessário o conhecimento dos motivos norteadores para a inclusão desta Língua Estrangeira na grade curricular no setor educacional brasileiro.

Visando também discutir os avanços e retrocessos que este ensino passou ao longo dos anos, como a obrigatoriedade assegurada por meio de decretos e documentos oficiais da educação como a LDB e o PCN, o surgimento de escolas e instituições, bem como a implantação e proliferação de cursos comerciais.

Logo após esta explanação, apresenta-se um panorama dos métodos e abordagens de ensino de língua estrangeira vigentes no Brasil, considerando ser

importante esclarecer o conceito de método e qual a importância deste para o ensino e aprendizagem. Neste tópico faremos uma breve exposição dos objetivos, metodologias e técnicas utilizadas em cada método ou abordagem de ensino, além de inferir qual concepção de língua (estruturalista/ interacionista) e aprendizagem (behaviorista/ construtivista) que cada um adota.

Por fim e não menos importante, traçamos uma discussão sobre os efeitos que esses métodos deixaram na sala de aula no ensino de língua estrangeira num contexto atual, analisando quais destes ainda estão presentes neste ensino e ponderando como os professores conseguem relacionar os estudos teóricos à sua prática docente.

1. IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL:

A justificativa para a inclusão da Língua Estrangeira especificamente da Língua Inglesa no currículo da educação brasileira é de natureza geopolítica, marcada pelo imperialismo britânico no século XIX. Neste período o Brasil estabeleceu intensas relações com a Inglaterra.

Foi por volta do ano de 1654 que a Inglaterra aumentara suas exportações para o Brasil investindo também na construção de ferrovias. A chegada de D. João VI ao país recebeu apoio dos ingleses, e por essa razão anos mais tarde ele estabeleceria um acordo comercial que concedia tarifas especiais aos produtos britânicos.

Os ingleses obtiveram então a permissão para instalar casas comerciais no Brasil gerando influência forte da Inglaterra no país, pois é neste momento que se dá início ao poder econômico do Brasil, trazendo também alguns avanços como o desenvolvimento do sistema ferroviário, a iluminação a gás, o desenvolvimento da imprensa Régia e do telégrafo.

Com o comércio inglês já instalado no Brasil foram cedidas ofertas de empregos para engenheiros e técnicos brasileiros. Assim surgiu a necessidade de falar inglês para receber instruções e treinamentos dos ingleses. Com isso, o ensino de LE no Brasil aconteceu por meio do decreto de 22 de Junho de 1809, assinado pelo regente



português D. João VI que decretava a criação de uma cadeira de Língua Francesa e outra de Língua Inglesa.

O ensino de Inglês no Brasil neste momento tinha por finalidade a comunicação, dessa forma, habilitavam-se “os estudantes a se comunicarem oralmente e por escrito” com o intuito de aprimorar a instrução pública, utilizando métodos eficazes para tais habilidades (SANTOS; OLIVEIRA, 2009, p.27). Assim o ensino de inglês pautava-se na abordagem oral e conhecimentos da língua escrita, o uso desses procedimentos era justificado pela necessidade de compreensão imediata da língua para entender o funcionamento do comércio inglês.

No ano de 1837 foi inaugurado o colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, este por sua vez, incluía na grade curricular o ensino das línguas: Inglesa, Francesa, o Grego e o Latim. Mas no ano de 1880, após a proclamação da República, o ministro Benjamim Constant promove uma reforma no setor educacional, esta reforma determinou não obrigatório o ensino das Língua Estrangeiras. Somente em 1892, após o afastamento do ministro, as Línguas Modernas voltariam a ser obrigatórias.

Em 1931 aconteceram algumas mudanças no ensino das LEs, estas foram estabelecidas na reforma de Francisco de Campos, o ministro do governo de Getúlio Vargas. As mudanças aconteceram nas metodologias, passando-se a utilizar mais o método direto que visava o ensino de língua estrangeira através da própria LE, mudanças nos conteúdos e na ampliação da carga horária.

Na década de 30, ainda no governo de Getúlio Vargas o ensino de inglês tomou uma proporção maior, neste momento surge os primeiros cursos livres de inglês fora das escolas públicas, apoiados pela embaixada Britânica. Nascia também no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa no ano de 1934. Em 1935 criava-se uma filial da Cultura Inglesa em São Paulo com o apoio do consulado norte-americano.

Em 1942 acontece a Reforma Capanema, liderada pelo então Ministro Gustavo Capanema. Nesta o ensino secundário ficou organizado em dois ciclos: o ginásial (quatro anos) e o colegial (três anos). No ginásio incluíram-se como disciplinas obrigatórias, o Latim, o Francês e o Inglês, no colegial o Francês, o Inglês e o Espanhol.



Para o ensino de inglês eram dedicadas 12 horas semanais e ao todo 35 horas semanais para o ensino de idiomas.

Até este momento o inglês parecia ganhar destaque na grade curricular da educação básica e superior, o país havia fundado vários centros educacionais destinados a cursos livres de inglês e demais idiomas, mas as LDBs promulgadas nos anos de 1961 e 1971 não contemplaram as Línguas Estrangeiras no currículo das disciplinas.

Conforme a LDB (1971), as LEs passaram a ser considerados apenas como “títulos de acréscimo”. “Recomenda-se que em Comunicação e Expressão, a título de acréscimo, se inclua uma Língua Estrangeira Moderna, quando tenha o estabelecimento condições para ministrá-la com eficiência” (Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, Art. 7º). Nesse sentido a não contemplação das LEs e principalmente do Inglês na estrutura curricular significou um retrocesso para a educação e para a sociedade brasileira como um todo.

Com a atualização da LDB no ano de 1996 esse contexto muda, o ginásio e o colegial têm seus nomes mudados para ensino Fundamental e Ensino Médio, e é estabelecida a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira no 1º e 2º grau (EF e EM) havendo ainda a possibilidade de uma segunda língua estrangeira optativa de acordo com as disponibilidades da instituição.

Em 1998, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), este documento funciona como referência curricular ao sistema educacional brasileiro. O documento foi elaborado pelo Governo Federal para nortear o ensino do país, contemplando o Ensino Fundamental e Médio. Foi a partir dos PCNs que o ensino de LE, apesar de não propor uma metodologia específica, passa a ser abordado em uma perspectiva sócio interacional.

A importância dada pelo PCN (1998) à língua estrangeira especificamente o inglês é notadamente clara, “[...] cabe ressaltar ainda o papel do inglês na sociedade atual. Essa língua, que se tornou uma espécie de língua franca, invade todos os meios de comunicação, o comércio, a ciência, a tecnologia no mundo todo” (PCN, 1998, p. 49).

Os parâmetros curriculares nacionais afirmam que o ensino de Inglês é necessário para que o aluno compreenda o seu vínculo como cidadão em uma comunidade

globalizada, em uma sociedade que sofre constantes modificações causadas pelo desenvolvimento tecnológico.

Mas é importante destacar que o ensino da língua estrangeira nem sempre ocorreu de forma significativa principalmente nas escolas públicas, e por essa razão, desde a década de 60 temos nos deparados com a intensa proliferação de institutos e cursos comerciais de diversos tipos, que na maioria das vezes utilizam ou não um plano didático específico para o ensino de Língua Inglesa e demais idiomas.

2. MÉTODOS, TÉCNICAS E ABORDAGENS UTILIZADAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUA ESTRANGEIRA:

Algumas questões amplamente discutidas no Ensino de Língua Estrangeira são relacionadas aos métodos de ensino. O que são os métodos? Para que servem? Quais métodos são mais eficazes? Existe um método ideal para o ensino e aprendizagem de Inglês? Neste tópico tentaremos responder a esses questionamentos com o intuito de fornecer subsídios teóricos que auxiliem a prática docente nas aulas de Língua Estrangeira Inglês.

Vejamos um dos conceitos mais conhecidos sobre método de ensino proposto por Richard e Rodgers, dois grandes formadores de professores de inglês. Método é um “conjunto de princípios teóricos, princípios organizacionais e ações práticas que norteiam a estruturação de um curso, o planejamento das aulas, a avaliação da aprendizagem e a escolha dos materiais didáticos” (RICHARDS E RODGERS 1994 apud. OLIVEIRA 2010).

Nesta perspectiva o método é um conjunto de procedimentos que são aplicados em sala de aula para que se tenha um resultado esperado. Neste conjunto são contemplados os objetivos propostos, bem como a escolha, a organização dos conteúdos e as atividades que são utilizadas para avaliar os alunos.

Todo método traz consigo um conjunto de princípios teóricos ou comumente conhecidos por abordagem. “A abordagem é o sustentáculo do método. Ela é formada por uma teoria de língua, que aponta para uma forma de se conceber a língua, e por uma teoria

de aprendizagem, que aponta para uma forma de se conceber a aprendizagem” (OLIVEIRA, 2014, p. 67). É com base nas concepções de língua e de aprendizagem que os professores fazem a escolha de um método de ensino para as suas aulas.

Para entendermos melhor a questão do método e/ou abordagem, apresentaremos a seguir um panorama dos métodos de ensino de inglês, analisando as concepções de língua e de aprendizagem que estes adotam. Ressaltamos que é de fundamental importância para a prática docente o conhecimento destas teorias para que os professores possam fazer as suas escolhas pedagógicas e realizar um trabalho eficiente.

2.1 Os primeiros métodos:

Como já mencionado aqui a história do ensino de Língua Estrangeira está ligada ao imperialismo e colonialismo. Foi após a queda do império romano que o latim passou a ser incluído no currículo das escolas europeias, sendo o latim e o grego as duas línguas estrangeiras mais ensinadas na Europa nessa época.

A inserção dessas línguas nos currículos das escolas europeias foi aceita partindo do pressuposto de que a aprendizagem delas contribuía para o desenvolvimento integral dos estudantes já que estas línguas apresentavam um alto nível de complexidade gramatical.

O grego e o latim passaram então a ser ensinados nas escolas europeias com o propósito de formar leitores de textos literários que eram escritos nestes idiomas. Para o ensino destas línguas os professores desenvolviam metodologias baseadas no uso da tradução, no estudo do vocabulário e das estruturas sintáticas, essa metodologia de ensino ficou conhecida como Método de Gramática e Tradução ou Método Tradicional.

Método de Gramática e Tradução

Os princípios basilares do método de Gramática e Tradução são:

- Aulas ministradas na língua materna;
- Memorização do léxico;
- Aula expositiva de gramática para o ensino de regras sintáticas;
- Uso de textos da L2 para serem traduzidos para a língua L1;
- Ênfase na língua escrita;
- Uso de exercícios repetitivos de tradução, substituição ou repetição.

Esse método traz implicações importantes a serem vistas, uma delas é que o professor não precisa ter um nível de proficiência, ou seja, ele não precisa saber falar a língua alvo já que as aulas acontecem em língua mãe. É importante destacar que a atenção dada somente as atividades de tradução e gramática inviabiliza o desenvolvimento das habilidades orais de fala e de compreensão oral, pois a ênfase está apenas na língua escrita.

O método Gramática e Tradução aponta para uma concepção estruturalista da língua, a qual têm a língua como um sistema fechado, organizado por regras, e que privilegia apenas os conhecimentos organizacionais desse sistema. O método aponta ainda para uma concepção de aprendizagem behaviorista, a qual vê o professor como um instrumento de transferência de conhecimentos e os alunos passam apenas a absorver esse conhecimento.

Para Oliveira (2014) o professor que adota a concepção behaviorista de aprendizagem vê os estudantes como indivíduos de mentes vazias que são moldadas por ele, que os ensina a fazerem o que ele quer. Isso porque o professor ao trabalhar com a gramática apresenta aos alunos as estruturas gramaticais e sintáticas, expondo exemplos cuidadosamente elaborados para que essas regras se encaixem, em seguida os alunos realizam atividades exaustivas de repetição, substituição e tradução para fixar esses conhecimentos gramaticais.

Este método perdurou nas salas do século XIX e XX, mas as pessoas não queriam apenas ler textos literários, elas queriam ouvir, falar, compreender, ler e escrever em outra língua, elas queriam se comunicar com outras pessoas em diferentes lugares do mundo.

Era necessário acompanhar as transformações, o progresso tecnológico que estava acontecendo, havia uma grande necessidade de comunicação, e por essa razão o método de Gramática e Tradução já não dava mais conta de suprir todas essas necessidades, assim as pessoas buscavam por outros métodos de ensino com novas metodologias e novos recursos. É o caso, por exemplo, do Método Direto.

Método Direto

O Método Direto surgiu na Europa no século XIX e foi levado para os Estados Unidos por Maximilian Berlitz criador de um curso de línguas estrangeiras existente em vários países. O método direto funciona como o oposto do método da Gramática e da Tradução, pois este apresenta uma finalidade comunicativa, e por privilegiar o uso da língua alvo em sala de aula.

Neste método é trabalhado a leitura, as habilidades orais de fala e aquisição de vocabulário por meio de objetos e imagens para explicar os significados das palavras, sem fazer uso da tradução. De acordo com Richards e Rodgers (1986) os princípios metodológicos do método direto são:

- As instruções de sala são dirigidas somente na segunda língua;
- O vocabulário concreto era ensinado por meio de objetos e figuras, já os substantivos abstratos, por meio de associação de ideias;
- O vocabulário e os diálogos ensinados eram comuns no dia-a-dia
- As regras gramaticais não são apresentadas formalmente, e sim de forma indutiva;
- Aspectos da pronúncia correta e da gramática são enfatizados.

A origem do nome se deve ao fato de o método por proporcionar um contato direto do aluno com a língua alvo, pois a língua materna é proibida dentro da sala de aula. Para Oliveira (2014, p. 86) essa “proibição tem um potencial negativo de aumentar a ansiedade dos estudantes”.

A proibição da língua materna em situações precisas como para se explicar as estruturas gramaticais torna a aprendizagem às vezes ineficaz, isso porque os alunos

levam para as aulas de inglês conhecimentos linguísticos de sua língua materna e que podem ser úteis no processo de aquisição de uma segunda língua.

Na metodologia é privilegiado a comunicação e o domínio do léxico, assim ele possui uma concepção interacionista da língua, pois a língua é adotada como um instrumento de interação social. A concepção de aprendizagem do método é de caráter construtivista, pois o professor é apenas facilitador da aprendizagem e os alunos participam inteiramente do processo de construção do conhecimento.

O método direto pode ser considerado eficaz para o ensino e aprendizagem de inglês, mas devemos nos atentar ao fato de que o professor deve ser fluente na língua alvo, além de que as salas de aula devem ter um número de alunos reduzidos para que os professores possam dar atenção individualizada aos alunos.

Assim esse método de ensino não se aplica a realidade das escolas públicas do Brasil, pois não temos muitos professores fluentes em inglês e por as escolas apresentarem salas de aula superlotadas.

Embora adotando técnicas e abordagens importantes, esse método foi bastante criticado, os críticos alegavam que ele tinha uma fraca base teórica e que o seu sucesso era resultado das habilidades dos professores que na maioria das vezes eram nativos, e não das metodologias que eram empregadas.

A Abordagem Oral

Com uma perspectiva metodológica próxima do método direto surge nas décadas de 1920 a 1930 a Abordagem Oral. Essa abordagem tinha por objetivo o desenvolvimento das habilidades orais dos estudantes em uma segunda língua. As principais características da abordagem oral são:

- O ensino de língua começa com a língua falada;
- A língua alvo é a língua da sala de aula;
- Os procedimentos de seleção do vocabulário consistem em garantir que um vocabulário essencial e frequentemente utilizado seja incluído;
- Os procedimentos de seleção dos itens gramaticais consistem em apresentar primeiro as formas simples e depois as formas complexas;

- A leitura e a escrita são trabalhadas quando os alunos já possuem uma base lexical e gramatical suficientemente estabelecida.

Na abordagem oral tinha-se a extrema preocupação em controlar o vocabulário que os alunos deviam aprender, para isso foram elaboradas listas de vocabulários com mais frequência de ocorrência para as aulas de língua estrangeira. Os conteúdos gramaticais também passavam por esse processo de seleção e organização, além de que se ensinava primeiro as formas mais simples e posteriormente as formas mais complexas.

Um dos princípios da abordagem oral apresenta semelhança com o método direto, a proibição da língua materna dos estudantes em sala, embora as aulas fossem iniciadas na língua dos alunos, em certo ponto ela seria proibida, o que inviabiliza a compreensão dos alunos quando o professor explica as regras sintáticas da língua.

Os princípios da abordagem oral apontam uma teoria interacionista da língua, pois privilegiam a capacidade de comunicação, as habilidades orais de fala, mas apontam para uma teoria de aprendizagem behaviorista, pois vê os aprendizes como indivíduos que precisam aprender uma seção para depois aprender outra. A capacidade de desenvolvimento dos alunos é colocada em dúvida, pois o trabalho realizado acontece de forma segmentada.

Método Audiolingual

Outro método bastante comentado foi o Audiolingual predominou no ensino de língua estrangeira nas décadas de 1950 a 1970, mas as suas técnicas e abordagens de ensino são resultados das exigências ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto o aumento do interesse em aprender línguas cresceu disparadamente, os funcionários do governo, o exército, o movimento imigratório, todas estas camadas passaram a ter a necessidade de aprender uma segunda língua, principalmente o inglês.

O objetivo principal do Método Audiolingual era capacitar os aprendizes a se comunicarem oralmente na língua alvo com um nível de proficiência similar a de um

falante nativo, o que é impossível se levarmos em conta as variações linguísticas de cada localidade ou região em que se situam os falantes nativos.

A comunicação por meio da escrita não é descartada no método, porém fica em segundo plano. As principais características do Método Audiolingual são:

- Os conteúdos gramaticais e de vocabulário são apresentados em forma de diálogos;
- É dada grande importância à pronúncia;
- As respostas corretas eram reforçadas positivamente;
- Os erros cometidos pelos alunos eram corrigidos imediatamente para evitar a criação de maus hábitos;
- A língua mãe é pouco utilizada na sala de aula;
- Os aprendizes são submetidos a exercícios exaustivos de memorização, repetição, transformação e substituição para assimilarem os conteúdos propostos;

O Método Audiolingual ao dar pouca ênfase na gramática e enfatizar a pronúncia, obteve sucesso por um tempo, mas logo foi criticado. A ideia de que a aprendizagem ocorre como mecanismos de estímulo e respostas, ou seja, por meio de um processo de formação de hábitos, logo explanaram uma concepção behaviorista de aprendizagem.

Nesta concepção o professor está no centro, é ele quem conduz a aprendizagem dos alunos, os aprendizes devem apenas imitá-lo. Isso é perceptível nas atividades orais desenvolvidas, nas quais os alunos eram elogiados quando respondiam corretamente e corrigidos de imediato quando havia erros.

O método apresenta alguns princípios positivos, como por exemplo, conceber que o processo de aquisição da língua estrangeira acontece de forma natural, assim como se aprende a língua materna, pois o professor trabalhava primeiramente a compreensão oral e depois a fala, em seguida trabalhava a leitura e posteriormente a escrita. Outro aspecto notável também são os materiais didáticos utilizados que contemplavam livros didáticos com textos e diálogos, CDs e DVDs próprios dos cursos.

Embora o Método Audiolingual priorizasse as habilidades orais de fala por meio de diálogos, criando possíveis situações de uso da língua, os alunos eram

condicionados a atividades de repetição, pois os professores acreditavam que quanto mais vezes o assunto é repetido, melhor se aprende. Aprender a língua por meio de exercícios mecânicos e repetitivos aponta para uma concepção de língua como sistema, como estrutura. Essas concepções de língua e de aprendizagem trouxeram aspectos negativos quanto ao uso do método.

2.2 Os métodos alternativos:

A busca pelo método ideal continua na década de 1960, dessa vez os linguistas buscavam estudar metodologias que não abordassem a teoria de aprendizagem behaviorista, pois esta concebe a aprendizagem como um condicionamento de hábitos corretos. Partindo dessa ideia é que o pesquisador egípcio Caleb Gattegno cria o Método de ensino Silent Way (modo silencioso).

Silent Way

Caleb Gattegno acreditava que “a língua não deve ser considerada um produto da formação de hábitos, e sim um produto da formação de regras” (Larsen-Freeman, 1986: 51 apud Oliveira, 2014, p. 107). Nesta perspectiva Gattegno critica os procedimentos do Método Audiolingual de apresentar sentenças de exercícios mecânicos de repetição, mas ainda assim ele adota uma teoria estruturalista, pois se detêm a ensinar estruturas gramaticais descontextualizadas.

São alguns princípios teóricos e metodológicos do Silent Way:

- A aprendizagem é facilitada pelo professor;
- As aulas são centradas no aluno, pois é ele quem descobre o que será aprendido;
- O silêncio do professor nas aulas é predominante;
- Os erros são vistos como consequência do processo de aprendizagem;
- Os recursos didáticos utilizados no método são bastões coloridos, cartazes de apoio com letras e som para enfatizar a pronúncia.

O objetivo principal do Silent Way é fazer com que o aluno participe inteiramente do processo de construção de sua aprendizagem adquirindo sua autonomia. O professor quase não fala na sala de aula, pois segundo o método ele já tem o domínio da língua e são os alunos que precisam praticar, ele serve apenas para facilitar a aprendizagem. A preocupação gerada pelo método seria de que o silenciamento do professor possa gerar um desconforto nos alunos, deixando-os mais ansiosos.

Suggestopedia

A Suggestopedia foi um método criado pelo psiquiatra e educador búlgaro Georgi Lozanov, ele acreditava que as pessoas tinham dificuldade em aprender línguas estrangeiras por causa das barreiras psicológicas, para ele o medo de errar dos estudantes influenciavam negativamente a aprendizagem, criando assim uma barreira psicológica.

Lozanov acredita que os indivíduos possuem as suas reservas mentais, ou seja, a mente humana guarda um grande número de informação, e que estas podem ser acionadas ao inserir os alunos num ambiente confortável que proporcione relaxamento. São alguns dos princípios básicos da Suggestopedia:

- O professor é o facilitador da aprendizagem;
- O aprendiz deve estar o mais relaxado possível para que possa acionar suas reservas mentais;
- O material didático apresenta um grande número de informações linguísticas;
- O ensino das estruturas gramaticais não deve ser feito de forma isolada;
- Os textos são trabalhados em forma de dramatizações;
- Carga horária intensiva de 4 horas de aula durante 5 dias da semana.

Na Suggestopedia trabalha-se a leitura, a conversação, o vocabulário, dramatizações, nas quais os alunos assumem outra identidade, assim os erros são cometidos pelos personagens e não pelos os alunos e os textos são sempre acompanhados da tradução.

As aulas são centradas no aluno, o professor é apenas o facilitador da aprendizagem, mas sua autoridade não é descartada, embora ele não precise seguir

princípios metodológicos rígidos e fixos, o desenvolvimento da aula acompanha o desenvolvimento do aluno. Os erros não são vistos de forma negativa, e é partindo desses erros que o professor planeja suas próximas aulas.

Para Lozanov “a capacidade de aprender é melhorada quando o processo de ensino engenhosamente encontra equilíbrio adequado em termos de ritmos, entonações, estímulos emocionais, etc.” (Lozanov, 2014 apud. Oliveira 2014, p. 115). Nesta visão a aprendizagem só ocorreria se as atividades fossem realizadas em um ambiente favorável com cadeiras confortáveis, as paredes da sala devem ser pintadas com cores leves, e a música erudita deve está presente nesse ambiente para proporcionar aos alunos um estado de relaxamento.

O método apresenta bastantes pontos positivos, pois considera a participação do aluno no processo de aprendizagem, tem como objetivo o desenvolvimento da comunicação e realiza o ensino da gramática dentro de uma perspectiva discursiva. Estas são abordagens e técnicas eficazes, mas que não se aplica a realidade das escolas públicas do Brasil, pois a maioria não possui os aspectos físicos favoráveis que proporcionem relaxamento aos alunos.

TPR- Total Physical Response

O Total Physical Response (Resposta Física Total) foi criado pelo psicólogo estadunidense James Asher, esse método tem um diferencial dos anteriores já tratados nesta seção, que sempre estavam ligados às faculdades cognitivas dos alunos, diferentemente do Total Physical Response (TPR) que a aprendizagem está ligada ao uso dos movimentos corporais.

São algumas características do Total Physical Response:

- As aulas são centradas na abordagem comunicativa;
- A aprendizagem ocorre por meio do uso dos movimentos corporais, como a mímica e gesticulação;
- O professor tem a responsabilidade de transferir o conhecimento utilizando a TPR;
- A aquisição de uma língua ocorre como a aquisição da língua materna.

Os procedimentos metodológicos da TPR são aulas ministradas sempre partindo de demonstrações de objetos, através de mímica e de gesticulações, para que os alunos possam assimilar os itens de vocabulário e os seus respectivos significados. Nota-se aí a extrema responsabilidade e criatividade do professor para a condução da aula.

Sem desprezar os fatores emocionais, Asher criador do método acredita que os adultos aprendem uma segunda língua da mesma forma que as crianças adquirem a língua materna, eles sempre respondem os comandos fisicamente como numa conversação língua-corpo, como por exemplo, quando os pais se comunicam com os bebês utilizando a linguagem verbal e os filhos respondem como uma ação física de olhar, sorrir ou apontar.

Os conhecimentos linguísticos que os alunos trazem de sua língua materna são ignorados pelo método, os alunos esperam sempre que o professor os molde, que o professor transfira aquilo que ele já sabe, o que reflete para concepção behaviorista de aprendizagem que vê o aprendiz como uma tabula rasa.

As técnicas da TPR podem ser positivamente trabalhadas numa processo inicial de aprendizagem de uma língua estrangeira, mas o seu uso contínuo mesmo quando os alunos atingem um nível mais elevado tornam as aulas cansativas e não atrativas. Além de que as habilidades de leitura e escrita não são trabalhadas de forma espontâneas e o aprendizado se constitui sempre de forma ensaiada.

CLL- Community Language Learning

Community Language Learning – CLL ou como pode ser traduzida “Aprendizagem Comunitária de Língua” é um método proposto pelo psicólogo e padre jesuíta Charles Curran. O método baseia-se na aprendizagem de línguas por meio de aconselhamento psicológico e estímulo do trabalho cooperativo entre os alunos.

Os princípios metodológicos da CLL são:

- Constante uso de técnicas de aconselhamento psicológico;
- O professor encoraja os alunos a se comunicarem na língua alvo e a usarem a língua materna se não souberem algo;

- A língua materna é utilizada para a explicação de pontos gramaticais e lexicais;
- Os alunos são levados a refletir o que estão aprendendo;
- O professor estimula a cooperação entre os alunos.

O objetivo do método é à comunicação e expressão de ideias, para isso os alunos são estimulados a usarem a língua alvo, mas se não souberem podem usar a língua materna como apoio, o importante é que eles participem e não se sintam inseguros. As aulas geralmente acontecem em círculo e o professor se posiciona atrás dos alunos para transmitir a ideia de que ele não está no centro do aprendizado e de que ele não ocupa uma posição autoritária.

As habilidades orais eram trabalhadas em forma de diálogos, os diálogos poderiam ser iniciados na língua materna e depois o professor apresentava a tradução na língua alvo, os alunos eram incentivados a repetir. A língua era primeiramente trabalhada individualmente para depois ser trabalhada em conjunto.

O professor tenta construir um relacionamento comunitário na sala de aula, apoiando nas necessidades que os alunos apresentam e promovendo momentos de reflexões para que o aluno perceba o desenvolvimento do seu aprendizado. Nessa perspectiva o professor possui um caráter de psicólogo ou conselheiro motivando os alunos a adquirir autonomia.

A grande implicação do método é que o professor deve exercer o papel de psicólogo, de conselheiro, além de promover um ambiente de aprendizagem favorável, em que os alunos trabalhem em conjunto demonstrando ter superado suas dificuldades. Outra implicação importante é atenção individualizada que cada aluno deve ganhar do professor o que parece inviável em salas de aula com grande quantidade de aluno e cada um apresentando necessidades diferentes à serem atendidas.

2.3 Os métodos comunicativos:

Entre os anos de 1970 a 1980 houve uma grande disseminação de métodos com propósitos comunicativos, conseqüentemente foram vários teóricos que se

empenharam para o desenvolvimento dos métodos comunicativos, são alguns destes teóricos Hymes, Halliday, Canale, Swain entre outros. Para alguns destes, os métodos comunicativos, não são métodos e sim abordagens, pois não possuem um design ou procedimentos específicos, além de se assemelharem em seus princípios básicos.

Os métodos comunicativos concebem a língua como um instrumento de interação social, logo as metodologias visavam a língua em quanto uso, e não como um sistema, sendo assim as estruturas gramaticais não seriam o eixo central do ensino, mas também não eram totalmente desconsideradas. O professor funciona como facilitador da aprendizagem e os aprendizes são seres capazes de construir os seus conhecimentos.

Abordagem Natural

A abordagem Natural foi desenvolvida nos anos de 1970 por Tracy Terrell um professor de espanhol e pelo linguista aplicado, Krashen. Krashen (2014: 138) apresenta os seguintes princípios da abordagem natural.

- O tempo da aula é primariamente dedicado a fornecer *input* para a aquisição
- O professor só fala a língua-alvo na sala de aula. Os alunos podem falar a língua alvo ou a sua língua materna.
- Os erros são corrigidos pelo professor quando atrapalham seriamente a comunicação.
- A gramática pode ser incluída nas atividades para casa.
- O objetivo do curso é o desenvolvimento da comunicação.

Como é perceptível na abordagem natural têm-se a preocupação em fornecer o máximo de *input* possível, o aluno deve receber uma grande quantidade de informações lexicais e gramaticais, para que se possa desenvolver a atividade de compreensão.

O ensino da gramática não é prioridade no método, pois Krashen e Terrell acreditava que a aprendizagem de uma língua estrangeira acontece assim como a aquisição da língua materna, os indivíduos não recebem instruções formais de gramática, mas aprendem através da comunicação diária, mas devemos atentar para o fato de que a



aprendizagem de uma língua estrangeira requer processos cognitivos específicos e distintos da aquisição de língua materna.

Claramente se observa que abordagem natural adota uma concepção de aprendizagem ancorada nos princípios construtivistas, pois vê os alunos como capazes de construir sua própria aprendizagem, e adota uma concepção interacionista de língua, concebe a língua em quanto instrumento de comunicação.

Abordagem Comunicativa:

A Abordagem Comunicativa é resultado de reflexões de diferentes estudiosos sobre os efeitos dos métodos de ensino de línguas predominantes nas décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido o ensino comunicativo surge em oposição ao estruturalismo que privilegia o ensino das estruturas gramaticais e a concepção de aprendizagem behaviorista que concebe a aprendizagem como um condicionamento de estímulos e respostas.

Vários estudiosos se propuseram a investigar metodologias que resultassem no desenvolvimento da competência comunicativa, principal objetivo da Abordagem Comunicativa, dentre eles vale ressaltar as contribuições de Hymes (1973), Halliday (1973) e David Wilkins (1994), sendo este último um dos maiores contribuintes para o ensino comunicativo.

Wilkins (1994) teceu fortes críticas aos métodos que possuem um *syllabus* gramatical e ou situacional. Para ele um conjunto fechado de informações linguísticas a serem ensinadas sem levar em conta fatores de um contexto extralinguístico, ou mesmo que envolvem situações reais de uso não acrescentaria em nada na aprendizagem dos alunos.

São algumas características específicas da abordagem comunicativa:

- Os alunos aprendem a se comunicar por meio da interação na língua-alvo
- O uso de textos e discursos autênticos próprios de situações reais de comunicação
- A aprendizagem de línguas em sala de aula é relacionada às atividades de comunicação fora da sala de aula.

- Os alunos aprendem sobre a linguagem e reconhecem seus avanços e dificuldades.

As estratégias citadas acima atreladas ao conhecimento da linguagem, seja em aspectos sintáticos, morfológicos, fonológicos e semânticos que os aprendizes trazem consigo contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Para esse desenvolvimento é necessário trabalhar não só as habilidades orais de fala, mas também a compreensão, a leitura e a escrita.

Na abordagem comunicativa a leitura é trabalhada com a interpretação de textos na língua alvo, em geral diálogos que expressam situações reais de uso, em dramatizações e outros. A escrita é trabalhada em atividades que envolvem a necessidade de conhecimentos linguísticos necessários para a comunicação, mas não sobre a forma de exercícios estruturais, dirigidos e mecânicos e, sobretudo em atividades que o aluno consiga se expressar de forma contextualizada.

As habilidades de compreensão e de fala são trabalhadas em atividades de interação e comunicação em sala através de diálogos na língua alvo. Essas atividades requerem uma avaliação da capacidade de desenvolvimento dos alunos, fazendo-os refletir sobre os avanços que tiveram no processo de aprendizagem.

Assim, o professor que segue essa abordagem é responsável por proporcionar um ambiente de interação, orientar os alunos, intervir quando for necessário, fazer escolhas importantes como dos materiais e das técnicas a serem adotadas, sempre com a preocupação em oferecer ao aluno uma aprendizagem significativa. Para Filho (2002) o professor deve ter:

[...] uma maior preocupação com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira, ou seja, menor ênfase no ensinar e mais aprofundamento naquilo que permita ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa (FILHO 2002, p. 42).

Com isso, percebe-se que o aluno é constantemente avaliado pelo professor, e que o próprio aprendiz reconhece os avanços que tem alcançado em cada atividade, identificando os pontos que podem ser melhorados, e ainda reflete sobre as estratégias utilizadas para garantir a aprendizagem. Assim os erros não são vistos pelo professor como sinônimo de fracasso, mas de esforço para o desenvolvimento do aprendiz.

O ensino de uma língua estrangeira utilizando da abordagem comunicativa torna-se eficaz, visto que esta não apenas ensina a compreender uma língua através de conhecimentos gramaticais e sintáticos, mas a criar estratégias de compreensão, a interagir em ambientes utilizando a língua alvo, Leffa (1988) acredita que o saber como usar a língua para se comunicar pode ser tão ou mais importante de que a competência gramatical.

Abordagem Baseada em Tarefas

A abordagem baseada em tarefas surge a partir de um projeto de ensino de inglês criado por Prabhu na Índia, entre os anos 1979 e 1984. Este projeto foi responsável por desenvolver e experimentar a metodologia de um ensino baseado em tarefas. Para entender melhor essa metodologia, Ellis (2004) aponta um conceito de tarefas.

[...] ‘tarefas’ são atividades que demandam primariamente uso linguístico focado na linguagem. Contudo, precisamos admitir que o propósito geral das tarefas é o mesmo que o dos exercícios- aprender uma língua-, a diferença reside nos meios pelos quais esse propósito deve ser atingido (Ellis, 2004: 3 apud. Oliveira, 2010, p. 165).

Para Ellis as tarefas são atividades centradas nas habilidades de comunicação e interação, ou seja, estão relacionadas ao desenvolvimento da fluência dos alunos na língua estrangeira, enquanto os exercícios estão relacionados a compreensão de estruturas gramaticais e do vocabulário da língua alvo.

Nessa abordagem as tarefas são a base para o desenvolvimento da aula e como planejamento para o curso como um todo. O objetivo dessa abordagem é fazer com que o aluno utilize a língua alvo partindo daquilo que ele já sabe e assimile conhecimentos novos no desenvolvimento de uma tarefa. O conteúdo linguístico não é determinado a seguir um planejamento fixo, mas é aprendido a medida que os alunos desempenham a atividade.

Para uma melhor compreensão segue alguns princípios básicos dessa abordagem:

- O professor introduz o tema e dá instruções aos alunos de como terão que realizar a tarefa;

- O professor auxilia aos alunos instigando os conhecimentos linguísticos que eles já possuem;
- O tempo para a conclusão da tarefa é determinado pelo professor;
- A aula é desenvolvida através da conclusão de uma tarefa central;
- A precisão é trabalhada quando os alunos demonstram dificuldades na fluência;
- Os alunos são estimulados pelo professor a relatar sua experiência com a tarefa.

Partindo desses princípios metodológicos pode se inferir uma discussão pertinente, um primeiro aspecto notável é que o desenvolvimento da aula ocorre similar a uma sequência didática, primeiro se faz um pré teste do conhecimento linguístico que os alunos possuem da temática, em seguida são dadas as instruções para o desenvolvimento da tarefa.

O professor auxilia os aprendizes enquanto faz um diagnóstico da fluência e precisão dos alunos, com as dificuldades constatadas o passo seguinte é aprimorar o conteúdo da aula. Ao final da aula os alunos podem ainda refletir e relatar o processo em que se deu a aprendizagem como numa auto avaliação, reconhecendo o percurso em que se deu a aprendizagem e como foram capazes de superar suas próprias dificuldades.

A determinação de um tempo para cumprir a tarefa pode refletir a ideia negativa de que os alunos devam trabalhar sobre pressão, assim é importante que o professor que trabalha com essa abordagem faça um planejamento bastante flexível, sendo capaz de alterar o seu plano de acordo com o desenvolvimento dos alunos.

A abordagem baseada em tarefas apresenta uma perspectiva interacional de língua, uma vez que a ensina com o foco na comunicação, mas sem desprezar os conhecimentos de precisão dos alunos. Essa abordagem rompe com a ideia de que o professor é um transferidor de conhecimentos e que o aluno deve absorver como uma esponja os conhecimentos que ele apresenta.

Abordagem Lexical

A Abordagem Lexical foi formulada por Michael Lewis em 1993, Lewis desenvolveu alguns princípios teóricos apresentados por alguns dos métodos

comunicativos, como por exemplo, a pouca importância ao ensino das estruturas gramaticais. Ele acreditava que os alunos devem ser expostos ao maior número de *input* possível, assim o léxico deve ser o centro da aprendizagem em língua estrangeira e as estruturas gramaticais viriam em segundo plano.

Na abordagem lexical não se deve pensar na gramática desassociada do léxico, pois as palavras não se agrupam de forma isolada, mas se relacionam sintagmaticamente dependendo de regras de combinação, com isso acredita-se que os alunos assimilem uma língua estrangeira formando blocos de palavras, frases feitas ou como Lewis prefere tratar as coocorrências.

Para desenvolver um trabalho utilizando a abordagem lexical, deve-se enfatizar a assimilação de palavras e expressões convencionais, ou seja, que ocorrem em grande frequência, para isso as principais atividades dessa abordagem são identificação de blocos lexicais em um texto, complementação de lacunas e de sequenciamento de itens lexicais.

O objetivo principal da Abordagem Lexical é sem dúvida colocar o léxico como centro da aula, mas não apresentando palavras isoladas ou descontextualizadas e sim trazendo significação dentro de um enunciado e de um contexto linguístico. Essa abordagem enfatiza também o desenvolvimento da leitura, da escrita, da compreensão e da pronúncia na língua alvo.

Até aqui foi possível constatar que muitos dos métodos apresentados apontam para uma reflexão do ensino de língua estrangeira trazendo indagações pertinentes a cerca das metodologias empregadas pelo professor e o conhecimento da teoria que ele decide abordar em suas aulas.

Tais métodos e abordagens trouxeram e trazem contribuições importantes para esse ensino, diante disso resta pensar como esse ensino vem ocorrendo depois de tantos estudos elaborados e desenvolvidos, será que os métodos ainda existem? É sobre este assunto que tratamos no tópico a seguir.

3. A ERA DO PÓS-MÉTODO:

Como vimos anteriormente, a busca contínua por um método ideal resultou na elaboração de várias propostas metodológicas, porém todas elas de certa forma não conseguiram fornecer soluções viáveis para sanar as dificuldades da aprendizagem de Língua Estrangeira. Isso pode ser claramente constatado se atentarmos para o fato de que quando num determinado momento se afirmava algo, logo em seguida, o que havia sido postulado era decididamente confrontado.

A solução para esses problemas seria o uso de um método eclético, que consiste no aproveitamento de alguns postulados teóricos e técnicos de cada método ou abordagem, assim os professores selecionam e organizam estratégias que julgam mais importantes para a sua prática docente. Propondo-se a testar os conhecimentos adquiridos pelos alunos com cada estratégia metodológica utilizada.

Podemos perceber que os métodos mostraram ser ineficazes em diferentes momentos e instituições de ensino, em razão de serem cuidadosamente elaborados e pensados para determinados contextos específicos, requerendo é claro que os professores conhecessem e estudassem profundamente os métodos e seus efeitos na aprendizagem. Logo, compreendemos que eles não morreram, em algumas instituições alguns deles são continuamente utilizados, e em outras eles apenas encontram-se extintos.

Devido a grande necessidade de se aprender uma Língua Estrangeira e principalmente o Inglês, a busca de técnicas eficazes para o ensino continua incessantemente e com o dinamismo da contemporaneidade, os métodos ressurgem de certa forma com um rótulo novo, constituindo assim o que chamamos de Pós-Método.

O Pós-Método é importante já que alguns professores dizem não seguir um método, ou por alguns afirmarem que utilizam vários métodos, mas sempre usam os mesmos procedimentos em suas aulas. Na era pós-método o trabalho do professor é voltado para o contexto do aluno, sem desprezar os conhecimentos das teorias e abordagens que o professor relaciona a sua prática docente.

Para Silva (2008) o professor do Pós-Método é autônomo, ele acredita que:

[...]esta autonomia está relacionada à implementação de uma teoria, a partir da prática, que responde às especificidades do contexto e à sua condição sócio política. Essa reflexão deve ser seguida de uma capacidade de teorizar, refletir

sobre o que gerou a situação e suas consequências para não incorrer no erro do “achismo” (SILVA, 2008, p. 11).

Na perspectiva de Silva (2008) cabe ao professor selecionar cuidadosamente o conteúdo e organizar sua aula de acordo com as necessidades dos alunos, criando um ambiente favorável para a aprendizagem, sendo ele capaz de avaliar suas escolhas e o desenvolvimento dos aprendizes, para isso seus procedimentos não devem funcionar como um plano acabado, mas bastante flexível e sujeitos a análises criteriosas.

Kumaravadivelu (2003) ressalta que a pedagogia do pós-método é algo muito benéfico, pois seguir um único método é restringir-se a poucas possibilidades de ensino e de aprendizagem, é necessário avaliar aquilo que é relativamente importante aprender e qual a melhor maneira de ensinar.

Assim podemos inferir que o ensino de Língua Estrangeira, fundamentado no pós-método proporciona aos aprendizes melhores resultados, e exige do professor um conhecimento continuamente aperfeiçoado. Entendendo a complexidade do ensino de Língua Estrangeira, finda-se a importância de um aprofundamento teórico para assim se fazer a seleção de metodologias que tornarão a prática docente muito mais significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos no ensino de Inglês ao longo dos anos, vimos que a sua importância foi consecutivamente reafirmada na busca incansável por teorias e metodologias que fizessem desse ensino uma realidade confiável e eficaz. Constatamos que o professor tem várias opções teóricas e metodológicas a sua disposição, mas que é necessário um aprofundamento teórico para a realização dessas escolhas.

O conhecimento teórico é relativamente importante para desmistificar mitos que perpassam no ensino da Língua Inglesa, como a ideia de que a proficiência é alcançada no mesmo nível de falantes nativos, ou ainda a concepção de que a aquisição de uma L2 ocorre com processos cognitivos distintos da aquisição de sua língua materna e que por isso, o seu uso é terminantemente proibido na sala de aula.



Os diferentes métodos e abordagens postulados trouxeram contribuições importantes para o ensino de Língua Estrangeira, e é por meio deles que podemos relacionar os conhecimentos teóricos aos procedimentos metodológicos adequando ao contexto e a necessidade de aprendizagem de cada aluno. Pra isso é necessário que o professor reflita sobre a sua prática de sala de aula, que faça uma análise criteriosa e perceba se ela foi agradável e, sobretudo se foi útil para os alunos.

Parece recorrente e ousado reafirmar a ideia de que o professor é responsável por isso e por aquilo, sem levarmos em conta fatores externos à aprendizagem e que muitas vezes independem da vontade do professor, mas mesmo com todas as dificuldades enfrentadas é necessário que os docentes busquem aperfeiçoar seus conhecimentos, inovar sua prática docente e aproximá-la da realidade dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FILHO, J. C. P de Almeida. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Disponível em <<http://www.Byeways.net/webreadings/Internet-Research/EDUCATION.html>> acesso em 06 mai. 2017.
- KUMARAVADIVELU, B. **A Post-method Perspective on English Language Teaching**. World Englishes, v. 22, n. 4, 2003, p.539-550.
- LARSEN-FREEMAN, D. **Teaching Techniques in English as a Second Language**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Hong Kong: Oxford University Press, 1986.
- LDB. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1971.
- LDB. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996.
- LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 211-236.



LEWIS, M. **Implications of a Lexical View of Language.** In: WILLIS, J.; WILLIS, D. (orgs). *Challenge and Change in Language Teaching.* Portsmouth: Heinemann, 1996, p. 10-16.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de Ensino de Inglês:** teorias, práticas, ideologias. São Paulo: Parábola, 2014.

RICHARD, C. Jack and RODGERS S. Theodore. **Approaches and Methods in Language Teaching.** Cambridge University Press. 1986.

RICHARDS, Jack & Rodgers, Theodore. **Approaches and methods in language Teaching:** A description and Analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SANTOS, J. A. ; OLIVEIRA, L. A. **Ensino de Língua Estrangeira para jovens e adultos na escola pública.** In: LIMA, D. C. *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com Especialistas.* São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Gisvaldo Araújo. **A era Pós-Método: o professor como um intelectual.** <disponível em www.ufsm.br/lec/02_04/gisvaldo.htm > acesso em 06 mai. 2017.

WILKINS, D. A. **Grammatical, Situational and Notional Syllabuses.** In: BRUMFIT, C.; JOHNSON, K. (orgs). *The communicative Approach to Language Teaching.* Hong Kong: Oxford University Press, 1994, p. 117-121.

Recebido Para Publicação em 12 de julho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 26 de agosto de 2017.